

“DESAFIO É COISA PARA MACHO”: VIRILIDADE E DESIGUALDADE DE GÊNERO NO TURISMO DE AVENTURA NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Diego Santos Vieira de Jesus¹

Resumo: O objetivo é examinar a construção da virilidade em sites destinados ao turismo de aventura no estado do Rio de Janeiro. O argumento central aponta que os textos, as imagens e os vídeos constroem uma concepção de virilidade associada à exploração de desafios aos limites físicos do homem e aos riscos capazes de proporcionar a sensação de prazer, liberdade e superação pessoal. Mesmo que muitos desses sites atentem para o público feminino, as mulheres ainda aparecem marginalmente e ou são público-alvo predominantemente de atividades associadas a menos desafios e riscos, como caminhadas, cavalgadas ou mergulho. Já os homens são primordialmente o foco de atividades relacionadas ao maior esforço físico e ao risco, como rafting, rapel, surfe e canoagem.

Palavras-chave: Turismo de aventura; virilidade; gênero; Rio de Janeiro.

“Challenge is a male thing”: virility and gender inequality in adventure tourism in the state of Rio de Janeiro

Abstract: The aim of this article is to examine the construction of virility in adventure tourism sites in the state of Rio de Janeiro. The central argument indicates that texts, images and videos construct a conception of virility associated with the exploration of challenges to the physical limits of the man and the risks capable of providing the sensation of pleasure, freedom and personal overcoming. Even though many of these sites target the female audience, women still appear marginally and are predominantly targeted by activities associated with fewer challenges and risks, such as walking, horseback riding or diving. Men are primarily the focus of activities related to increased physical effort and risk, such as rafting, rappelling, surfing and canoeing.

Keywords: Adventure tourism; virility; genre; Rio de Janeiro.

Introdução

Alternativas de lazer, esporte e recreação desenvolvidas na natureza ganharam força rapidamente atendendo aos perfis e às demandas de clientes. O turismo alternativo engloba a interação positiva do visitante com os valores naturais e culturais locais. Nesse marco, encontra-se o turismo natural, que abarca atividades de contato com a natureza, tanto com o objetivo de observação como o de aventura. Neste último, o cliente envolve-se em atividades e ações influenciadas pelas condições do meio ambiente, que são, por vezes, imprevisíveis. Relacionado ao turismo natural, o ecoturismo valoriza os critérios de

¹ Doutor em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e docente e pesquisador do Programa de Mestrado Profissional em Gestão da Economia Criativa da Escola Superior de Propaganda e Marketing do Rio de Janeiro (ESPM-Rio). Email: dvieira@espm.br

sustentabilidade do empreendimento, com ênfase na preservação do marco natural e comunitário a partir da mobilização da educação ambiental, da conservação dos ecossistemas e da integridade da comunidade hospedeira. O turismo de aventura funda-se na ética ecoturismo a fim de desenvolver uma experiência de lazer voluntária e intrinsecamente motivadora, que envolva uma percepção de risco e desafio em diferentes graus de intensidade. A aventura requer liberdade de escolha, gratificação intrínseca e um elemento de incerteza e imprevisibilidade dos resultados. Inúmeras atividades de aventura foram geradas a partir da reprodução total ou parcial de experiências e técnicas expedicionárias, como o montanhismo, o deslocamento por cordas fixas, a canoagem e as viagens de bicicleta, nas quais fatores naturais adicionam incerteza, e o participante mostra-se motivado pela sensação de desbravar, conhecer e encarar obstáculos imprevistos. Segundo o Instituto Brasileiro de Turismo (EMBRATUR), o turismo de aventura promove a prática de atividades de aventura e esporte recreacional em ambientes naturais e espaços urbanos ao ar livre, que envolvam emoções e riscos controlados, exijam técnicas e equipamentos específicos, adotem procedimentos para garantir a segurança pessoal e de terceiros e respeitem o patrimônio ambiental e sociocultural. A competência é um fator determinante em uma experiência de aventura, que consiste em uma combinação de habilidades pessoais ou coletivas para solucionar situações de risco ou resultados incertos. Para tal, é preciso adequar o nível de risco aparente ou real da atividade programada ao nível de competência do participante para o máximo de estímulo, induzindo-o a buscar a reprodução dessa experiência (LÓPEZ-RICHARD; CHINÁGLIA, 2004, p. 200-204).

Como aponta o Ministério do Turismo, as práticas de aventura de caráter recreativo e não competitivo pressupõem esforço e riscos controláveis e podem variar em intensidade conforme a exigência de cada atividade e a capacidade física e psicológica do turista. Essas atividades mencionadas pelo Ministério podem ocorrer em espaços naturais ou construídos (*indoor*) em ambientes rurais ou urbanos e áreas protegidas. O turismo de aventura pode englobar atividades como arvorismo, balonismo, bungee jumping, travessia com boia, caminhadas, cavalgadas, canoagem, espeleoturismo, mergulho livre (apneia, snorkeling), mergulho autônomo (scuba diving), rafting, rapel, mountain bike, trekking e surfe. O estímulo a essas atividades aparece relacionado a transformações no comportamento do consumidor na direção de estilos de vida mais saudáveis e de uma sensibilidade maior aos assuntos ligados à preservação da cultura e da natureza, que se refletem na escolha das atividades de lazer e na definição dos destinos turísticos. Setores ligados ao turismo de aventura são impulsionados por esse estímulo, como fornecedores de equipamentos e seguradoras. Foi possível observar também a necessidade de delimitar a abrangência do tema da segurança a fim de embasar a formulação de políticas públicas e subsidiar os interessados em relação às características e às questões

legais que interferem nas relações de mercado (INSTITUTO ECOBRASIL, 2017).

De acordo com dados divulgados pelo próprio Ministério do Turismo, a maior parte dos turistas de aventura adquiriu informações sobre as viagens por meio da internet, da televisão e das revistas especializadas e apontou como motivação principal para a escolha do segmento a fuga do dia a dia, do estresse e da violência; a busca de descanso; o resgate do prazer e das origens; e a procura de vivências e experiências memoráveis. Ainda de acordo com o Ministério, as atividades de aventura mais praticadas são os passeios de buggy, as cavalgadas e as caminhadas, seguidas por tirolesa, mergulho e canoagem ou caiaque. Em geral, esses turistas têm idade entre 18 e 29 anos e são homens em sua grande maioria. Eles são predominantemente solteiros, com ensino superior incompleto, e pertencem à classe média (BRASIL, 2010, p. 25-26). As atividades do turismo de aventura aparecem ligadas às ideias de risco e desafio, que historicamente se mostraram fundamentais na construção da virilidade. Este conceito é concebido como o quadro valorativo de representação máxima do masculino, associado às noções de força, inteligência, bravura e domínio (CORBIN et al., 2013).

O objetivo deste artigo é examinar a construção da virilidade em sites destinados ao turismo de aventura no estado do Rio de Janeiro. O argumento central aponta que tanto os textos como as imagens e os vídeos desses sites constroem uma concepção de virilidade associada à exploração de desafios aos limites físicos do homem e aos riscos capazes de proporcionar a sensação de prazer, liberdade e superação pessoal em atividades de recreação. Mesmo que muitos desses sites atentem para o público feminino, as mulheres ainda aparecem marginalmente e ou são público-alvo predominantemente de atividades associadas a menos desafios e riscos, como caminhadas, cavalgadas ou mergulho. Já os homens são primordialmente o foco de atividades relacionadas ao maior esforço físico e ao risco, como rafting, rapel, surfe e canoagem. O prazer gerado pelas atividades do turismo de aventura não se dá apenas pelos desafios trazidos pela natureza, mas pela apreciação das belezas naturais do estado. As desigualdades de gênero permeiam sites de turismo de aventura, reforçando-se estereótipos de virilidade que reiteram o risco e o desafio na construção da condição de homem e continuam a submeter a mulher a posições frágeis e passivas.

Metodologia

Na coleta de dados, inicialmente foi realizada uma pesquisa bibliográfica a fim de reunir informações relacionadas a aspectos teóricos e conceituais da construção da noção de virilidade e do turismo de aventura. Logo após, realizou-se uma pesquisa documental, na qual foram considerados os sítios das empresas filiadas à Associação Carioca de Turismo de Aventura (ACTA). A ACTA é uma entidade com foco e

atuação no Estado do Rio de Janeiro – apesar de, no seu nome, constar o adjetivo “carioca”, que se refere apenas à cidade homônima – e que tem o objetivo de profissionalizar o turismo de aventura no estado (ACTA, 2017).

Para uma investigação aprofundada desses sites, foi utilizada a perspectiva qualitativa de análise documental desenvolvida por Glenn A. Bowen (2009), que exige que as informações coletadas – no caso, imagens, vídeos e textos dos sites de turismo de aventura – sejam examinadas e interpretadas a fim de se ganhar entendimento sobre como o tema de estudo é tratado nos documentos em foco. A análise documental proposta por Bowen (2009) viabiliza o acesso à informação acerca do *background* das informações coletadas, ajudando a contextualizar a interação dos temas associados ao turismo de aventura com as desigualdades de gênero presentes na sociedade. Após a pesquisa bibliográfica inicial e a primeira revisão dos documentos – na qual imagens e trechos de vídeos e textos significativos foram identificados –, as informações pertinentes – relacionadas às atividades do turismo de aventura – foram separadas levando em conta sua ênfase no desafio, no risco, no profissionalismo e nas demais características relacionadas à construção de virilidade. Logo após, os dados foram interpretados a partir da confrontação dos dados empíricos com os conceitos teóricos.

Resultados e discussão

A aventura e a construção da virilidade

No século XIX, a identidade viril era formulada no decorrer de viagens pelos viajantes e pelos conjuntos de normas, códigos e representações que se impunham a toda a sociedade. Na comunicação sobre viagens, o sistema de representações fazia do transporte pela estrada um tema viril, em especial por conta dos avanços nos transportes. A velocidade nas estradas era tida como perigosa para o corpo feminino. O mesmo valia para o sistema ferroviário e as estações marítimas, concebidos como lugares de homens. A mulher era deixada na posição de passageira, beneficiando-se dos “esforços heroicos” dos homens na direção do progresso. Além disso, os sistemas de representações virilizavam o Ocidente e feminilizavam o Oriente, com metáforas que tendiam a sexualizar territórios e povos que, sob o chamamento feminino de colônias, puderam ser objeto de discursos que identificavam conquistas amorosas e militares. As figuras de exploração e penetração eram permitidas pelo desenvolvimento dos modos de locomoção. No final do século XIX, a admiração de exploradores passava pela celebração da virilidade desses homens em virtudes heroicas. Ainda que surgisse a figura da exploradora, os exploradores eram aqueles que primeiro penetravam regiões ignoradas, vindo as exploradoras em seguida, quando caminhos já tinham sido abertos e construídos por homens. As ficções pedagógicas e a exposição didática de conhecimentos

permaneciam muito masculinas e permitiam apresentar a geografia de regiões e países. A viagem participava da educação viril, com a função de iniciação de meninos que buscavam corpos musculosos, resistentes ao sono e às privações, acostumados ao ar livre. Eram esses corpos nos quais se encarnava a aventura. As mulheres em geral eram excluídas e só tinham acesso a essas viagens pelas narrativas masculinas, sendo as próprias viagens apresentadas como assuntos de homens (VENAYRE, 2013a).

A partir da segunda metade do século XIX, ocorreu uma metamorfose ligada à exploração e à colonização na corrida imperialista. A figura do aventureiro referia-se a um europeu que partia para regiões remotas do globo, movido pelo espírito de aventura. O mito do “aventureiro moderno” pressupunha dispersão para limites imprecisos, numa distância definida pela natureza hostil, em que os rigores do clima se conjugavam com a existência de animais selvagens. Acompanhava o distanciamento no espaço o distanciamento no tempo, como se o espaço que autorizava a aventura estivesse situado no passado. Ao mesmo tempo, surgia a figura da grande viajante, que tinha assinalado que os grandes horizontes não eram mais atributos masculinos. Porém, a transformação dava-se em limites estritos. A aventureira permanecia uma figura inquietante, distanciada dos grandes caminhos do planeta, sem contato com os riscos físicos enfrentados pelos aventureiros. As mulheres que ousavam mais eram colocadas como “muito viris”, como se a feminilidade se apagasse ao penetrar no mundo tradicionalmente viril da aventura (VENAYRE, 2013b).

O fim da exploração do interior dos continentes, a colonização da quase-totalidade do planeta e o progresso nos transportes significavam o desaparecimento dos imprevistos no deslocamento, numa concepção de “mundo finito”. Os buscadores de aventura propuseram regras suscetíveis de recriar o espaço no qual aventuras fossem possíveis, em especial por meio do desenvolvimento de atividades de aventura, dentre elas aquelas proporcionadas pelo turismo. Essa recriação do espaço deu-se por meio da recusa à modernidade técnica e da aceitação do risco ligado às imperfeições da natureza, como se vê na exploração do alpinismo e das travessias de longa distância em barco à vela. Confrontados com o fim do exotismo da descoberta, os seres humanos recriavam espaços sonhados pelos aventureiros, como se vê no turismo de aventura. O movimento de recriação desses espaços conjugava-se às preocupações ecológicas contemporâneas para se definir uma nova forma de conceber a aventura: o quadro das aventuras – inclusive as do turismo de aventura – não é mais aquele de um mundo infinito que se tratava de conhecer armando-se de coragem, nem aquele de um mundo em vista da civilização nos interstícios da qual os aventureiros poderiam florescer. Ele era de uma natureza completamente conhecida, e tais atividades tratavam de protegê-la contra a própria humanidade (VENAYRE, 2013b). Ainda que as atividades envolvidas no turismo de aventura sejam abertas hoje também às mulheres, observa-se que a sensação de desafio e risco

associados ao prazer, liberdade e superação pessoal ainda permanece amplamente conectada ao universo masculino, o que se reflete na própria publicidade desenvolvida pelos agentes desse setor. As mulheres aparecem nessa publicidade em atividades como caminhadas, cavalgadas ou mergulho; porém, aquelas que exigem mais esforço físico e aparecem mais expostas ao risco por parte do praticante – como rafting, rapel, surfe e canoagem – ainda aparecem bastante ligadas a homens.

O turismo de aventura no Brasil

A busca pela aventura é marcada pela emergência histórica de imagens, valores, conhecimentos dos seres humanos. Por meio da aventura na natureza, tais pessoas buscam relacionar-se com experiências que nunca tinham imaginado concretizar, afastando-se de expressões céticas e individualistas que permeiam o cotidiano, procurando uma válvula de escape às pressões da vida urbana e muitas vezes buscando um entendimento alternativo sobre relações sociais e ambientais (MARINHO; INÁCIO, 2007, p. 60-61; BAHIA; SAMPAIO, 2007, p. 180). A ideia de aventura – do latim *adventūrus* (“o que advirá”), *participio futuro de advenīre* (“advir”) – refere-se ao desafio e ao risco capaz de proporcionar a sensação de prazer, liberdade e superação pessoal. Nesse sentido, as atividades de aventura supõem a superação de limites pessoais em atividades de recreação, não de competição. Essas atividades motivam uma responsabilidade individual do turista quando ocorrem sem a interferência dos prestadores de serviços turísticos, mas podem traduzir uma responsabilidade solidária quando conduzidas, organizadas e intermediadas por prestadores de serviços e agências de turismo que dependem da orientação de profissionais qualificados para a função e de equipamentos e técnicas que proporcionem. O esforço e o risco envolvidos nessas atividades podem ser até certo ponto controláveis e variar em intensidade conforme a exigência de cada atividade e a capacidade física e psicológica do praticante. Isso requer que haja tratamento particular ao praticante, especialmente quanto à segurança; daí, explica-se a importância de diretrizes, estratégias, normas, regulamentos, processos de certificação e marcos regulatórios (INSTITUTO ECOBRASIL, 2017).

Muitos turistas de aventura procuram fugir do trabalho semanal e da rotina, mas suas motivações podem também estar relacionadas à experiência do perigo, às novas vivências com amigos, à aproximação com a natureza, à oportunidade de levar o corpo ao limite e ao aprendizado de novas competências, revitalizando sensações e proporcionando emoções prazerosas. As experiências de aventura, como mobilizam as emoções do cliente, podem trazer oportunidades de educação, treinamento e terapia, transformando-se em produtos turísticos de alto valor agregado (LÓPEZ-RICHARD; CHINÁGLIA, 2004, p. 205-206, 211-212). Com essas experiências, os indivíduos podem não só as utilizar como lazer com fim nelas mesmas, mas desenvolver as habilidades coletivas em termos de

cooperação e comunicação, a autoestima pessoal, as habilidades cognitivas de tomada de decisões e solução de problemas e a aptidão motora (MARINHO, 2004).

Entretanto, as experiências provocadas pelo turismo de aventura pareceram por muito tempo baseadas em definições bem reduzidas da natureza, concebida exclusivamente como um local de atividades de propósitos limitados às necessidades do praticante, que busca satisfação e lazer. Porém, a experimentação de novas emoções e sensibilidades podem conduzir os turistas a percepções alternativas acerca do meio em que vivem, de forma a provocarem não apenas relações diferenciadas com seus corpos, mas um maior alinhamento com os elementos sociais que produzem e acompanham o pensamento coletivo. Assim, simultaneamente às práticas de aventura, dissemina-se o ambientalismo, que levanta não somente temas relacionados à preservação de espécies e ecossistemas, mas abrange debates sobre as comunidades e culturas locais, os direitos de minorias sociais e étnicas – como grupos indígenas – e temáticas relacionadas ao gênero (MARINHO, 2001, p. 144-150). As atividades envolvidas nessas experiências do turismo de aventura passaram cada vez mais a pressupor a conservação dos espaços, bem como o respeito às instituições promotoras e aos geossistemas, como litorais, montanhas, rios e cachoeiras (CORIOLANO; MORAIS, 2011, p. 4).

Como a simples visita à natureza nem sempre basta para despertar nas pessoas uma consciência preservacionista, pode ser necessário desenvolver um aprendizado que desperte a percepção do meio ambiente pela afetividade. Tornam-se fundamentais para tal as atividades de sensibilização que permitam a interação do sujeito com o meio e o levem a refletir sobre a natureza, contribuindo para a própria qualidade existencial. As novas sensibilizações promovidas pelas atividades de aventura na natureza podem contribuir para essa conscientização (LAVOURA et al., 2008, p. 120-121). Nesse sentido, o turismo de aventura baseia-se na concepção de sustentabilidade ambiental e no prazer do turista em usufruir produtos e serviços ofertados pelas empresas que trabalham com a interação entre homem e natureza. O respeito ao patrimônio ambiental e sociocultural acompanha a prática de atividades de aventura de caráter recreativo, com emoções e riscos controlados pelo uso de técnicas e equipamentos específicos para garantir a segurança de profissionais e turistas (VASCONCELOS et al., 2012, p. 110-111).

Em face da necessidade de se prevenirem acidentes e se garantir a qualidade do produto em nível do profissionalismo das empresas e dos profissionais, tornam-se fundamentais os esforços de regulamentação, padronização, capacitação, certificação e fiscalização na área do turismo de aventura. A Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) oferece bases para a definição de políticas públicas, com normas que servem de referência para certificação de empresas e organizações de serviços. O Ministério de Turismo patrocina financeiramente o desenvolvimento e a publicação dessas normas. Operadoras e prestadores de serviços devem

atentar para os esforços de conservação dos locais visitados, eficiência de recursos naturais, garantia de impacto ambiental mínimo no descarte do lixo e apoio a fornecedores que seguem a ética de conservação e à educação e ao treinamento ambiental para guias e administradores, por exemplo. A gestão da segurança também se tornou uma das principais preocupações dos operadores do setor, de forma a se fortalecerem cada vez mais as normas técnicas específicas, bases para o processo de certificação de empresas e de condutores, que conta com o respaldo do Instituto Nacional de Metrologia, Qualidade e Tecnologia (INMETRO). Em 2006, o Ministério do Turismo criou o Programa Aventura Segura em parceria com a Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura (ABETA) – fundada em 2004 – e o SEBRAE Nacional com o objetivo de fortalecer, qualificar e certificar regiões em 13 Estados brasileiros que passaram a ter o ecoturismo e o turismo de aventura como fontes de desenvolvimento econômico estruturado localmente, criando padrões de qualidade e segurança para a oferta de atividades como caminhadas, rafting, arvorismo, cicloturismo, cavalgada e mergulho (CORIOLANO; MORAIS, 2011, p. 4-7).

Desde 2015, foram finalizados trabalhos no nível internacional para duas normas técnicas também publicadas no Brasil: a ABNT NBR ISO 21101 – Turismo de Aventura – Sistema de Gestão da Segurança – Requisitos e a ABNT NBR ISO 21103 – Turismo de Aventura – Informações a Participantes. Nos trabalhos na ISO, normas brasileiras foram utilizadas como base para as atividades. Uma terceira norma brasileira utilizada no âmbito externo foi a de competências dos condutores (líderes) de turismo de aventura. Após os trabalhos na ISO, foi decidido pelo Grupo de Trabalho que essa fosse considerada uma referência por meio de um Relatório Técnico da ISO, o ISO/TR 21102 – Adventure Tourism – Leaders – Personnel Competences. O Ministério do Turismo atuou no reconhecimento da categoria do condutor de turismo de aventura, a qual, desde fevereiro de 2015, faz parte da lista oficial da Classificação Brasileira de Ocupações (ABETA, 2017).

O turismo de aventura no estado de Rio de Janeiro

A própria cidade do Rio de Janeiro traz inúmeras opções para o turismo de aventura, com atividades desenvolvidas em áreas como o Arquipélago das Cigarras, o Parque Estadual da Chacrinha, o Parque Nacional da Floresta da Tijuca, a Pedra Bonita, a Pedra da Gávea e o Morro da Urca. A subida ao pico do Pão de Açúcar pode ser feita em quatro horas, com um caminho formado em grande parte por costões de rocha e trilhas. Um desafio maior é subir o Pico da Tijuca – no Parque Nacional Floresta da Tijuca, maior floresta urbana do mundo com trilhas e cachoeiras – com 1022 metros. Voos de asa delta partem da Pedra da Gávea ou da Pedra Bonita, sobrevoando a orla carioca e trazendo belas vistas do Morro do Corcovado e do Morro Dois Irmãos. Este último conta com uma trilha de leve a moderada que leva a mirantes com algumas das

mais belas vistas da cidade. No Morro da Urca, é possível realizar rapel em seus paredões rochosos. No mar, a menos de 5 km da praia de Ipanema, as Ilhas Cagarras são os melhores pontos para o mergulho na cidade. Barcos que saem da Marina da Glória levam até o local. Além disso, praias cariocas têm ondas para o surfe e o windsurfe, em particular o Arpoador (CARAVANA DA AVENTURA, 2017c).

No estado do Rio de Janeiro, a região de Visconde de Mauá – localizada na Serra da Mantiqueira – é composta por três vilas: Mauá, distrito de Resende; Maringá e Maromba, da cidade vizinha Itatiaia. A região tem mais de 100 cachoeiras, sendo grande parte de fácil acesso. Algumas das atrações mais conhecidas são a Cachoeira do Escorrega – que conta com uma piscina natural – e o Poção da Maromba. Na Cachoeira de Santa Clara, o rapel é uma das atividades de aventura mais desenvolvidas. Os vales do Alcantilado e Santa Clara dispõem de piscinas naturais e rios propícios para a pesca de truta, além de trilhas para cavalgar e pedalar. Durante o verão, a cheia do rio Preto favorece a prática da canoagem. A Serra da Mantiqueira também oferece opções de travessias off-road (CARAVANA DA AVENTURA, 2017e).

No sul do estado, o Parque Nacional da Serra da Bocaina – uma reserva de Mata Atlântica com quase 100 mil hectares entre Rio de Janeiro e São Paulo – possui vegetação exuberante e fauna variada, além de cachoeiras e montanhas. A região é permeada por histórias ligadas às antigas fazendas de café localizadas na região e à Trilha do Ouro, construída por escravos nos tempos da mineração. Desde seu início em São José do Barreiro até seu término na praia de Mambucaba, em Angra dos Reis, a caminhada dura três dias, e a trilha conta com inúmeros pontos para acampamento e áreas para apreciação de belezas naturais, como a Cachoeira do Veado. Há trilhas como a da Pedra do Frade, que pode ser feita em 12 horas, e a trilha da cachoeira do Mimoso, feita em 90 minutos. Três horas de caminhada e escalada levam até ao topo do Pico do Tira o Chapéu, com 2200 metros de altitude (CARAVANA DA AVENTURA, 2017d).

Também no sul do estado, a Ilha Grande, que pertence ao município de Angra dos Reis, pode ser acessada pela barca que sai diariamente do porto da cidade e pelas diversas embarcações que fazem a travessia até a ilha. Na ilha, existem diversos pontos de mergulho, com operadores de grande experiência. Tais mergulhos permitem a observação de naufrágios, corais e uma rica fauna marinha. Dentre as regiões paradisíacas no local, cabe destacar a praia Dois Rios, o Saco do Céu e a Enseada das Estrelas. O surfe pode ser praticado nas praias Lopes Mendes, Santo Antônio e Aventureiro. Ademais, trilhas de diferentes níveis de dificuldade pela Mata Atlântica permitem chegar a muitas praias da Ilha Grande, como a praia do Aventureiro, e ao Pico do Papagaio, com 982 metros de subida. A volta pela ilha leva quatro dias de trekking (CARAVANA DA AVENTURA, 2017a). Próximo a Angra dos Reis, Paraty conta com ruas com calçamento de pedras e casario colonial tombadas pelo patrimônio histórico e belezas naturais. As trilhas

existentes na cidade podem ser feitas a pé ou de carro por áreas de Mata Atlântica que levam a praias, cachoeiras e alambiques. São também realizados passeios de barco com paradas em ilhas para mergulho e apreciação da fauna marinha (CARAVANA DA AVENTURA, 2017b).

Os sites de turismo de aventura no Rio de Janeiro

Na contemporaneidade, o consumo de bens e serviços traz signos e imagens atrelados à satisfação e ao corpo, fortalecendo um mercado consumidor a partir do fascínio das pessoas por atividades que carregam mensagens de aventura e de fortes emoções em contextos de riscos calculados e de busca por prazer (MARINHO, 2001, p. 149). Em face de tal fascínio, as peças publicitárias em torno da promoção do turismo de aventura buscam posicionar as atividades como acessíveis ao público e o seduzir pela oferta de pacotes turísticos e cursos especializados. As imagens das atividades de aventura constituem parte importante da informação e apoio ao texto dessas peças, sinalizando a vivência de acontecimentos aos quais o público não teria acesso cotidianamente pelos custos envolvidos ou pela falta de competência técnica. Tais atividades trazem desafios aos limites físicos e apresentam um certo nível de incerteza quanto aos resultados. Se por um lado tais peças seduzem o público a experimentar as atividades de aventura pelo seu desafio ou radicalismo, elas têm também o cuidado de veicular informações sobre riscos e custos de equipamentos e cursos para a atividade escolhida (SPINK, 2008, p.50-52, 58).

Neste estudo, foram considerados os 28 sites das empresas associadas à ACTA, discriminados no sítio da associação. A maior parte deles aponta que as atividades podem ser realizadas por quaisquer pessoas que tenham condições de saúde ideais; porém, observa-se claramente que distinções com relação a gênero são sutilmente desenvolvidas tanto nas imagens e nos vídeos como nos textos presentes nesses sites. No que diz respeito a imagens e a vídeos, as mulheres aparecem nesses sites predominantemente em atividades de menor risco e desafio, como caminhadas, trilhas, cavalgadas e mergulho. Uma boa parte aparece acompanhada de seus maridos, namorados ou companheiros. Os principais indivíduos focados nessas atividades são homens, que tipicamente são a maioria no grupo de turistas retratados. Os homens são predominantemente aqueles retratados em atividades como rapel, rafting, canoagem, surfe, wakeboard e voos de asa delta e parapente. Em geral, esses homens aparecem vencendo desafios como o rapel e o cachoeirismo em técnicas verticais. Suas silhuetas aparecem em picos apreciando a vista dos locais atingidos ou celebrando de braços abertos a finalização da trilha ou a chegada ao cume de determinada colina. Esses homens também aparecem se cumprimentando ao fim das trilhas e na finalização das atividades, sugerindo relações de camaradagem no exercício da aventura. Nos vídeos, exploram-se as dificuldades de atividades como a canoagem ou o rafting, em especial os

desafios trazidos pelas corredeiras e cursos d'água. As câmeras posicionadas nos botes e nas canoas captam a emoção e o desafio nas descidas de corredeiras. Tais vídeos vêm em geral com trilhas sonoras compostas por músicas radicais, que sugerem aventura e desafio. Poucas mulheres aparecem exercendo essas atividades. Alguns dos sites aparecem oferecendo serviços a turistas estrangeiros, mas mantendo o foco na imagem masculina.

Os textos trazem as descrições dos desafios das áreas onde as atividades são exercidas, os preços das atividades oferecidas, o compromisso das empresas com o meio ambiente e as comunidades locais e as condições de segurança na realização das atividades, transmitindo noções de profissionalismo, segurança e ética. Entretanto, tais textos enfatizam as sensações provocadas nos praticantes não só pela aventura, mas pela experiência exótica de apreciação das belezas naturais do Rio de Janeiro. Um dos sites que traz textos em inglês oferece depoimentos de turistas – em especial homens – narrando a emoção gerada pela realização da atividade e pelas belezas do Rio de Janeiro. Em um dos sites, um turista indiano dizia que “paragliding was an experience of a lifetime with breathtaking views of Rio” (“asa delta foi uma experiência única, com vistas do Rio de tirar o fôlego”). O exotismo das belezas naturais do estado – disponíveis à apreciação – aparecem associados ao desafio e ao risco superado por esses turistas no contexto do turismo de aventura. Ademais, os textos enfatizam a ideia de liberdade, muito ligada aos esforços heroicos de conquista de uma natureza exuberante e bela e à superação física, que fortalecem as concepções de virilidade associadas à aventura. “Liberte seu espírito de aventura!”, coloca um dos sites. “Liberte seu espírito! Viva de verdade! Explore com a gente!”, expõe outro. A “vida de verdade” parece ser aquela associada à vivência da aventura por meio da exploração da natureza e da libertação em relação aos próprios limites físicos.

A melhoria da qualidade de vida também é enfatizada na maior parte dos sites por conta da conexão das atividades de aventura com a natureza. “Nossa missão é inspirar as pessoas a buscarem equilíbrio e qualidade de vida através de atividades de aventura e lazer em conexão com a natureza”, diz o site de uma das empresas. O sentido de solidariedade e camaradagem que contribui para o reforço da virilidade é estimulado para que as atividades sejam realizadas em grupo: “Se você quer ir rápido, vá sozinho. Se quiser ir longe, vá em grupo”, como se coloca numa imagem disponível no site de uma das empresas e em seu perfil no Facebook. Cumpre lembrar também que muitos sites reforçam que suas equipes são formadas única ou predominantemente por condutores do gênero masculino, cujas imagens são frequentemente disponibilizadas. Muitos deles têm porte atlético e são retratados na execução de atividades como rapel, rafting e mergulho ou conduzindo treinamentos a grupos de turistas de aventura. O conhecimento técnico demonstrado por tais profissionais reforça a confiança e a credibilidade

do serviço prestado, sendo tal confiança materializada na figura de profissionais do gênero masculino.

Conclusão

Os resultados da análise dos sites comprovam que textos, imagens e vídeos definiram uma concepção de virilidade intimamente relacionada à exploração de desafios aos limites físicos e aos riscos que provocam prazer, liberdade e superação pessoal. Embora muitos desses sites reconheçam o interesse crescente do público feminino nas atividades do turismo de aventura no estado, as mulheres ainda aparecem marginalmente nesses sites ou executando atividades com menores desafios e riscos, como caminhadas, cavalgadas ou mergulho. Enquanto isso, essas empresas focam nos homens em atividades que requerem maior esforço físico e expõem o indivíduo a um maior risco, como rafting, rapel, surfe e canoagem. O prazer é estimulado não somente pelos desafios trazidos pela natureza exótica do Rio de Janeiro, mas pela apreciação de suas belezas naturais. Conclui-se, assim, que as desigualdades de gênero permeiam o turismo de aventura em tais sites, o que fortalece estereótipos de virilidade baseada na maior exposição ao risco e ao desafio na construção da condição de homem. Quando se reitera que o desafio continua sendo “coisa de homem”, as mulheres permanecem relegadas a posições frágeis, passivas e subalternas.

Referências Bibliográficas

ABETA. Aventura Segura. *ABETA website*, 2017. Disponível em: <<http://abeta.tur.br/pt/aventura-segura/>>. Acesso em: 20 maio 2017.

ACTA. A ACTA. *ACTA website*, 2017. Disponível em: <<http://www.actarj.com.br/acta.html>>. Acesso em: 26 maio 2017.

BAHIA, Mirleide Chaar; SAMPAIO, Tânia Mara Vieira. Lazer – Meio Ambiente: em busca das atitudes vivenciadas nos esportes de aventura. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 28, n. 3, p. 173-189, maio 2007.

BOWEN, Glenn A. Document analysis as a qualitative research method. *Qualitative Research Journal*, v.9, n.2, p.27-40, 2009.

BRASIL. Ministério do Turismo. *Turismo de Aventura: orientações básicas*. Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

CARAVANA DA AVENTURA. Ilha Grande (RJ). *Caravana da Aventura website*, 2017a. Disponível em: <<http://www.caravanadaaventura.com.br/mapa-da-aventura/sudeste/item/ilha-grande-rj>>. Acesso em: 24 maio 2017.

____. Paraty (RJ). *Caravana da Aventura website*, 2017b. Disponível em: <<http://www.caravanadaaventura.com.br/mapa-da-aventura/sudeste/item/paraty-rj>>. Acesso em: 24 maio 2017.

____. Rio de Janeiro (RJ). *Caravana da Aventura website*, 2017c. Disponível em: <<http://www.caravanadaaventura.com.br/mapa-da-aventura/sudeste/item/rio-de-janeiro-rj>>. Acesso em: 24 maio 2017.

____. Serra da Bocaina (RJ). *Caravana da Aventura website*, 2017d. Disponível em: <<http://www.caravanadaaventura.com.br/mapa-da-aventura/sudeste/item/serra-da-bocaina-rj>>. Acesso em: 24 maio 2017.

____. Visconde de Mauá (RJ). *Caravana da Aventura website*, 2017e. Disponível em: <<http://www.caravanadaaventura.com.br/mapa-da-aventura/sudeste/item/visconde-de-maua-rj>>. Acesso em: 24 maio 2017.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. Prefácio. In: ____ (Ed.) *História da Virilidade – Volume 1: A invenção da virilidade. Da Antiguidade às Luzes*. Petrópolis: Vozes, 2013, p.7-10.

CORIOLOANO, Luzia Neide Menezes Teixeira; MORAIS, Elenildo Oliveira de. Desvendando caminhos do turismo de aventura no Brasil. *Revista Iberoamericana de Turismo*, v.1, n.2, p.3-11, 2011.

INSTITUTO ECOBRASIL. Turismo Aventura. *Instituto Ecobrasil website*, 2017. Disponível em: <<http://www.ecobrasil.org.br/turismo/turismo-aventura>>. Acesso em: 19 maio 2017.

LAVOURA, Thiago Nicola; SCHWARTZ, Gisele Maria; MACHADO, Afonso Antonio. Aspectos emocionais da prática de atividades de aventura na natureza: a (re)educação dos sentidos. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v. 22, n. 2, p. 119-27, abr./jun. 2008.

LÓPEZ-RICHARD, Victor; CHINÁGLIA, Clever Ricardo. Turismo de Aventura: conceitos e paradigmas fundamentais. *Turismo em Análise*, v. 15, n. 2, p. 199-215, nov. 2004.

MARINHO, Alcyane. Lazer, natureza e aventura: compartilhando emoções e compromissos. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 22, n. 2, p. 143-153, jan, 2001.

____. Atividades na natureza, lazer e educação ambiental: refletindo sobre algumas possibilidades. *Motrivivência – Revista de Educação Física, Esporte e Lazer*, Ano XVI, n. 22, p. 47-69, jun. 2004.

____.; INÁCIO, Humberto Luís de Deus. Educação Física, Meio Ambiente e Aventura: um percurso por vias instigantes. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 28, n. 3, p. 55-70, maio 2007.

SPINK, Mary Jane Paris. Posicionando pessoas como aventureiros potenciais: imagens de risco-aventura em matérias de revista. *Psicologia & Sociedade*, v.20, ed. esp., p.50-60, 2008.

VASCONCELOS, Fabrício Peixoto; SILVA, Alan Curcino Pedreira; COSTA, Luciana Ferreira da. Turismo de aventura e ecoturismo: entre práticas e normas no contexto brasileiro. *Revista Iberoamericana de Turismo*, v. 2, n. 2, p. 108-138, jul./dez. 2012.

VENAYRE, Sylvain. Os valores viris da viagem. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. (Ed.) *História da Virilidade – Volume 2: O triunfo da virilidade. O século XIX*. Petrópolis: Vozes, 2013a, p.385-413.

____. A virilidade ambígua do aventureiro. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. (Ed.) *História da Virilidade – Volume 3: A virilidade em crise ? Séculos XX-XXI*. Petrópolis: Vozes, 2013b, p.394-423.

Recebido em 27 de fevereiro de 2018

Aprovado em 4 de agosto de 2018